

depõimento

Entre o dedal e a agulha, uma vida alinhavada pela alfaiataria

Between the thimble and the needle, a life basted by tailoring

JULIANA BARBOSA¹

Um ofício que em sua origem histórica demarca séculos, na minha trajetória tem sua história iniciada em 1999, um ano muito emblemático, cheio de perspectivas e incertezas para uma jovem que saiu do interior do Rio Grande do Sul, em busca da realização do sonho de cursar “Estilismo Industrial”² em uma das instituições pioneiras do setor no Brasil, o SENAI-CETIQT³, na cidade do Rio de Janeiro, em uma época que poucos eram os cursos da área ofertados no Brasil, período em que “estudar Moda” causava muito espanto e estranhamento.

Até então, minha experiência com desenhos e com tecidos se resumia aos esboços dos vestidos de prenda⁴ que eu desenhava, e encomendava às costureiras de minha cidade, Carazinho, interior do Rio Grande do Sul. Durante minha infância e adolescência essa foi a minha maior paixão, os trajes típicos que eu usava nas invernadas artísticas⁵, nos bailes e rodeios que eu e minha família participávamos.

Admirava o trabalho das costureiras, a capacidade de realizar aqueles vestidos rodados, com várias aplicações de fitas e de babados de renda. Ainda fazia parte do repertório delas a confecção das bombachas, o traje masculino com favas⁶ laterais as quais me recordo como verdadeiras obras de arte têxtil. Não tenho nenhuma lembrança de alfaiates em minha cidade, apesar do clima frio que favorecia

¹ Professora Assistente do Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFMG); doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAE) da UFMG. Coordena, desde 2012, o grupo de estudos “Preservação da Alfaiataria Tradicional em Belo Horizonte e Região Metropolitana”; além da criação, em 2020, do canal de compartilhamento e promoção desses saberes, intitulado “Clube da Alfaiataria”, na plataforma digital Youtube. E-mail: julianawinck@eba.ufmg.br

² Curso técnico e atualmente extinto.

³ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Centro Tecnológico da Indústria Química e Têxtil, instalado na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

⁴ Indumentária típica da mulher gaúcha, representa parte dos costumes e tradições do Rio Grande do Sul (RS).

⁵ Grupo de dança tradicionalista gaúcha.

⁶ Bordado conhecido como casinha de abelha, acrescidos de desenhos geométricos ou mesmo a escrita do nome de quem vestia a bombacha.

esse ofício. Talvez pela região ser predominantemente agrícola, em que os homens se vestiam à moda campeira, sem muita distinção, reservando um único costume⁷ para ser usado durante a vida inteira. A alfaiataria para mim era o que é para o grande senso comum: roupas formais, em tons sóbrios, usados pelos homens em datas importantes e adquiridas em qualquer loja de vestuário, um termo subvertido mercantilmente utilizado para se tratar de um traje comum, sem o rigor que se caracteriza esse segmento. O “estilo alfaiataria” também permeava o universo feminino, porém, a exemplo do que acontecia com o masculino, muito distante dos acabamentos impecáveis e da qualidade dos tecidos inerentes a este setor.

Longe dos costumes riograndenses, meu primeiro contato com a alfaiataria tradicional artesanal se deu apenas no SENAI-CETIQT, quando meu professor de modelagem masculina nos apresentou um paletó em andamento, peça de um curso particular que ele estava realizando com um alfaiate local. O paletó estava aberto, permitindo que observássemos todos os acabamentos e a complexidade da construção do seu interior, os milhares de pontos a mão e as camadas de tecidos e de entrelaços que compunham aquele paletó.

Foi amor à primeira vista! E também uma situação muito inusitada, pois o curso era voltado para o aprendizado industrial. Aquela peça de alfaiataria artesanal fugia a tudo que havíamos vivenciado naquela instituição. Este tipo de trabalho não era possível de ser realizado durante o curso à época, por não fazer parte da proposta curricular voltada para a indústria, mas o ato daquele professor, em levar o paletó, para que conhecêssemos aquele tipo de trabalho, foi algo de extrema valia.

Ficamos eu e mais algumas colegas inebiadas com aquele trabalho, querendo saber mais, perguntando sobre essas aulas que à época para minha condição de estudante era bastante oneroso. Lembro-me de esmorecer, de me afastar tristemente e deixar que minhas colegas ficassem ali perguntando mais. Embora eu me identificasse de imediato com aquele preciosismo dos acabamentos que eu acabara de ver, era um curso muito distante da minha realidade em termos financeiros, para que eu pudesse desejar.

Findou-se o curso, e imediatamente me transferi para Belo Horizonte (MG), cidade em que vivo atualmente. Ainda naquele mesmo ano, 1999, a realização de mais um sonho: iniciei um estágio em uma alfaiataria localizada na região centro sul de Belo Horizonte, inicialmente pensado para auxiliar o proprietário na organização dos eventos dos quais ele participava, na captação de novos clientes, dentre outras funções de recepção; porém, isso durou uma ou duas semanas no máximo. Meu interesse estava no espaço dos fundos da casa onde trabalhavam todos os alfaiates, lugar no qual fui aos poucos me inserindo, e ali permanecendo, sem resistência por parte do alfaiate proprietário, que, pelo contrário, me

⁷ Traje composto por duas peças: calça e paletó.

incentivou a aprender com seus oficiais⁸.

Era um estágio não remunerado, mas isso pouco importava. Eu associava o estágio ao curso que eu não tive condições financeiras de realizar durante minha temporada de estudos no Rio de Janeiro, e imediatamente assegurava que eu estava era ganhando com aquela oportunidade, tal qual os alfaiates durante sua formação. Os alfaiates que hoje ainda estão em atividade ingressaram no ofício muito jovens, quase crianças, por volta dos 12 anos, e não recebiam qualquer tipo de pagamento para aprender o ofício com um mestre alfaiate. Normalmente, esse acordo se dava entre os pais da criança e o alfaiate, dono do estabelecimento, que acolhia o menor com a promessa de o inserir no ofício, assegurando-lhe uma profissão. Tempo em que apenas os filhos de famílias mais abastadas tinham o privilégio de estudar e de chegar ao ensino superior. Aos demais restavam os serviços comuns, aprendidos com mestres de ofício ou em cursos técnicos, e a alfaiataria, dentre esses ofícios, era a escolha de muitas dessas crianças por ser um serviço “limpo e leve”.

Essas crianças ao ingressarem em uma alfaiataria como aprendizes trabalhavam por pelo menos três anos sem receber um pagamento formal, recebiam apenas uns “trocos” aos finais de semana, para gastar com guloseimas ou dar uma ida ao cinema, como contava o alfaiate, Adão, funcionário da alfaiataria na qual estagiei, em um dos vários momentos que trabalhamos juntos.

Assim como eles, eu também não recebi nenhum tipo de remuneração pelo tempo que estive ali na posição de estagiária. Minha condição à época, trabalhando no turno da tarde como professora de cursos técnicos no setor da Moda, permitia que eu permanecesse ali aprendendo com esses alfaiates no contraturno. E reconheço que essa foi uma condição de privilégio pela qual passei, pois a figura do aprendiz, já naquele período, era praticamente extinta das alfaiatarias, não apenas em Belo Horizonte, mas em todo o Brasil⁹, como pude testemunhar nos anos seguintes, conhecendo artesãos de várias nacionalidades ao participar de encontros e de Congressos Latino-americanos de alfaiates no Brasil, na Argentina e no Peru, além de uma edição Internacional realizada em Roma, na Itália.

Meu ingresso na alfaiataria não foi algo fácil a princípio, pois o fato de ser mulher não despertava confiança nos alfaiates que, em geral, adotavam e ainda adotam, uma postura um tanto quanto reticente com relação à presença feminina no ofício, uma vez que muitos deles não nos reconhecem como aptas a exercer essa profissão.

⁸ Artesãos alfaiates denominam-se oficiais de acordo com a sua especialidade. Oficial calceiro, oficial coleteiro, camiseiro, proveiro, acabador, dentre outros.

⁹ Reclamatórias trabalhistas datadas a partir da década de 1930 deram início a um movimento que se alastrou por todo o país, inibindo a entrada de aprendizes nos seus estabelecimentos. GIL, L. A.; LONER, A.; VASCONCELLOS, M. A. “Rastros, relatos, memórias: os processos trabalhistas e as fontes orais na pesquisa histórica”. *Revista Latino-Americana de História*, v. 1, n. 3; Edição Especial – Lugares da História do Trabalho, 2012.

Minha estratégia para ganhar a confiança desses artesãos foi a de usar as roupas que eu havia produzido até então. Um paletó, em especial, costurado no modelo industrial, foi a peça que chamou a atenção deles. Um dos alfaiates da oficina, o senhor Onofre, ao ver com certo apreço este paletó, resolveu me dar a devida atenção. O Sr. Onofre então tornou-se o meu mestre e logo de início me introduziu no atelier auxiliando-o em suas tarefas, ensinando nos trajes dos próprios clientes. Tarefas simples, mas que agilizavam o seu trabalho como o preparo do punho de uma manga, ou seja, tornando-me sua aprendiz e assistente direta.

A primeira lição como aprendiz que recebi foi aprender a usar o dedal¹⁰ por meio de um cabresto¹¹, uma faixa de tecido que envolvia a peça e o fixava ao dedo médio, com o qual permanecia durante todo o tempo em que estava no atelier, pois o “primeiro ensinamento transmitido ao aprendiz numa alfaiataria diz respeito não a uma etapa de confecção de uma peça de vestuário, mas sim à ‘domesticação’ da mão do iniciante, a fim de torná-la apta a lidar com a agulha¹²”.

O cabresto é então utilizado até que o dedo se acostume com o acessório, tempo que varia de aprendiz para aprendiz e que, no meu caso, levou em torno de uma semana para acontecer. Sr. Onofre relatou-me na ocasião, que ainda criança permaneceu com esse cabresto durante dia e noite, inclusive dormindo com essa peça até que o conseguisse utilizar de maneira natural. Posteriormente, ele ensinou-me a casear, tarefa bastante delicada e a qual eu soube desempenhar com certa facilidade. Foi a partir deste aprendizado inclusive que passei a ser reconhecida entre os alfaiates como apta para o ofício, e como diz Pimenta, nesse momento eu recebia simbolicamente o meu passaporte, o ingresso para atuar na alfaiataria¹³, passando a ser vista com mais credibilidade e confiança.

O processo de aquisição das competências na alfaiataria é um caminho árduo, lento e minucioso, sempre na presença do mestre alfaiate que, com muito rigor, avalia todos os procedimentos executados, não permitindo que nenhuma tarefa seja mal realizada, desfazendo-a para que seja refeita tantas vezes quantas forem necessárias, a fim de que a peça esteja devidamente composta.

Diante desse processo de aprendizagem e na constatação de que ali, além de mim não havia nenhum outro aprendiz, uma inquietação me tomou de assalto e com ela vários questionamentos, principalmente aqueles que diziam respeito ao futuro do ofício, uma vez que muitos deles se negavam a ensinar sob o argumento de que não queriam que outros fossem explorados como eles eram. O tempo que passei neste estágio, além de aprender tudo o que foi possível com o Sr. Onofre (que, para minha sorte, pensava diferente de seus pares), também usei para tentar entender o que estava acontecendo naquele momento que originava essa

¹⁰ Acessório de proteção utilizado no dedo médio durante o processo de costura.

¹¹ Tira (ou cadarço) de tecido usado para amarrar o dedal ao dedo médio flexionado.

¹² PIMENTA, M. E. F. *Memórias de alfaiates: significados de vida e trabalho*. Orientador: Margareth Brandini Park. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP: Campinas, 2008.

¹³ *Ibidem*, p. 81.

generalizada insatisfação a ponto de pouco se importarem com a continuidade do ofício. Com 21 anos à época, percebi que aquele ali era o meu lugar, e abracei a alfaiataria na certeza de que a levaria como a pesquisa da minha vida.

Mais de dez anos se passaram e, em 2013, já como professora no ensino superior e iniciando meu mestrado, propus-me a encontrar uma maneira de registrar esses saberes ancorada pela Ergologia¹⁴, uma abordagem pluridisciplinar que se propõe a estudar a atividade do trabalhador sob várias perspectivas, e que me forneceu todas as ferramentas conceituais para compreender os desafios pelos quais a alfaiataria vinha e vem atravessando, as dramáticas vivenciadas pelos artesãos durante o seu exercício e todas as mudanças que daí advém, principalmente aquelas relacionadas aos saberes investidos dos alfaiates, tidos na ergologia como aqueles saberes desenvolvidos pelo artesão e incorporados ao sujeito ao longo de uma vida, sem qualquer tipo de registro formal.

Atualmente, já na pesquisa de doutoramento, continuo minha investigação empenhada nesse mesmo propósito, de assegurar que toda a prática desenvolvida pelos nossos alfaiates, artesãos brasileiros, que diferem em certa medida das técnicas europeias devido aos tecidos adequados ao nosso clima, além dos diferentes aviamentos empregados¹⁵, sejam amplamente divulgadas por meio de um projeto de extensão, aliado ao recurso do audiovisual, a mesma ferramenta que tornou possível e potencializou¹⁶ a minha aprendizagem no universo da alfaiataria, registrando todos os processos, os afazeres dos alfaiates, por meio de imagens e de vídeos. Graças a este material que acumulei ao longo de mais de 20 anos de dedicação ao ofício, hoje sou capaz de levar tais técnicas para a minha prática de sala de aula e a de defender com tanto afinco.

Diante de um mundo de incertezas, da escassez ambiental, da busca incessante por ações sustentáveis em todos os âmbitos e principalmente na moda, o retorno ao artesanal, à roupa feita com afeto, para vestir alguém real e não um corpo fictício de uma tabela de medidas padronizada, apresenta-se como uma alternativa para a sobrevivência da alfaiataria para além da própria moda. São saberes que permitem aos nossos alunos a condição de se inserirem no mercado como legítimos criadores, autorais, detentores de uma importante competência.

Atualmente, na grande maioria dos cursos de Moda no país, todo o esforço na formação dos alunos está em estimular neles o desenvolver de um pensamento crítico a respeito de todo esse movimento pelo qual a moda e o mundo vêm passando, além de dar a eles ferramentas para atuarem em oposição ao que a

¹⁴ Abordagem ergológica do trabalho é uma abordagem recente de origem francesa, que data do período da década de 1980, desenvolvida por pesquisadores da área organizacional do trabalho, sendo o filósofo Yves Schwartz seu maior expoente.

¹⁵ Muitos dos aviamentos utilizados na alfaiataria tradicional não estão disponíveis no Brasil, pela falta de produtores nacionais ou então pelo alto valor na importação destes insumos. Isso faz com que nossos alfaiates tenham de buscar alternativas entre os produtos que aqui temos disponíveis para desempenhar suas funções sem perder a qualidade característica da alfaiataria, criando dessa forma outras técnicas e processos e, por consequência, novos saberes.

¹⁶ Com o advento de máquinas fotográficas digitais e logo na sequência de aparelhos de celulares digitais, os registros imagéticos ganharam amplitude no audiovisual.

indústria da Moda desenvolveu no sentido mais perverso, da exploração, do incentivo ao consumo excessivo, da roupa sem propósito. A alfaiataria pode, sim, ser um importante dispositivo de enfrentamento dessa realidade que tanto lutamos para que deixe de existir, valorizando os saberes, os fazeres manuais, a roupa com identidade e com singularidade.

Esforço-me, ao longo de minha trajetória acadêmico-profissional, para garantir que esses saberes sejam preservados, conhecidos e perpetuados, pois a alfaiataria e seus artesãos me abriram muitas portas e me levaram a lugares que eu jamais imaginava conhecer. Ela me propicia realizar e idealizar novos sonhos cotidianamente. E é essa inclinação que me encaminha a acreditar que a alfaiataria pode, sim, ser capaz de mudar também as vidas dos nossos estudantes, permitindo-lhes acreditar na potência do ato de criar artesanal que esse ofício oportuniza.

Autora especialmente convidada.
Texto recebido no segundo semestre de 2022.